

# GANQUES, NOVÍSSIMAS GUERRAS E (SUB)CULTURA DA VIOLÊNCIA/DELINQUÊNCIA

Redy Wilson Lima

## Abstract

This paper aims to reflect the problem of gangs and their relationship with urban space in the urban wars scenery that emerged in the 1980s and 1990s in densely populated cities, as well as discuss the adequacy of explanations on the phenomenon of violence and delinquency, in some contexts, from the concept of subculture. Starts with the conceptualization and characterization of gangs, presenting them as one of the central figures in the new type of violent conflict that erupts in the urban centers around the world and relate their institutionalization in neighbourhood with the idea of ‘Retreat of the State’ in poorest urban zones, as well as presenting the position of some families in relation to their activities.

**Keywords** violence, delinquency, gangs, urban spaces, urban wars

com o apoio

**FCT**

Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

## WORKING PAPER / DOCUMENTO DE TRABALHO

*O CEsA não confirma nem infirma  
quaisquer opiniões expressas pelos autores  
nos documentos que edita.*

O **CEsA** é um dos Centros de Estudo do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa, tendo sido criado em 1982.

Reunindo cerca de vinte investigadores, todos docentes do ISEG, é certamente um dos maiores, senão o maior, Centro de Estudos especializado nas problemáticas do desenvolvimento económico e social existente em Portugal. Nos seus membros, na maioria doutorados, incluem-se economistas (a especialidade mais representada), sociólogos e licenciados em direito.

As áreas principais de investigação são a economia do desenvolvimento, a economia internacional, a sociologia do desenvolvimento, a história africana e as questões sociais do desenvolvimento; sob o ponto de vista geográfico, são objecto de estudo a África Subsariana, a América Latina, a Ásia Oriental, do Sul e do Sudeste e o processo de transição sistémica dos países da Europa de Leste.

Vários membros do CEsA são docentes do Mestrado em Desenvolvimento e Cooperação Internacional leccionado no ISEG/"Económicas". Muitos deles têm também experiência de trabalho, docente e não-docente, em África e na América Latina.

## OS AUTORES

### **REDY WILSON LIMA**

Sociólogo e doutorando em Estudos Urbanos na FCSH-UNL/ISCTE-IUL, Portugal.  
Investigador associado ao CEsA/ISEG-UTL, Portugal

## 1. INTRODUÇÃO

A partir de um trabalho etnográfico no seio de jovens agrupados em actividades delinquentes no bairro do Brasil, cidade da Praia, Bordonaro (2012) dá conta de continuidades culturais da violência, enquanto híper-expressão das identidades masculinas hegemónicas em Cabo Verde, rejeitando, pelo menos nesse espaço, a ideia da existência de uma subcultura de violência. Sendo o recorte estudado bastante limitado, o autor considera que as suas conclusões não podem ser extrapoladas para outros contextos nacionais, nem servir de suporte teórico de análise *tout court* de outros agrupamentos juvenis. Contudo, este novo elemento de análise da violência juvenil colectiva na cidade da Praia obriga-nos a reflectir de forma crítica sobre algumas verdades moralmente instituídas sobre o fenómeno da violência e/ou da delinquência colectiva.

Num outro estudo sobre a questão do narcotráfico no bairro Casal Ventoso, na cidade de Lisboa, em Portugal, Chaves procura uma alternativa à concepção de subcultura delincente com o objectivo de responder à questão “como se poderá conceber que, sem se criarem valores alternativos e sem se produzirem contravalores, se construa uma comunidade de representações que facilita o tráfico (Chaves, 2003: 281)?” Aponta como insuficiente as três explicações sociológicas base da delinquência<sup>1</sup>, que não obstante numerosos trabalhos de pesquisa ou de reflexão teórica têm contestado, é comumente assumido como indiscutíveis por parte de pesquisadores e dos técnicos que trabalham com a questão da delinquência.

No caso cabo-verdiano, é comum ouvir-se esse tipo de explicação na análise do fenómeno da violência e/ou delinquência, bem como a culpabilização das famílias pobres e da geração pós-abertura democrática<sup>2</sup> pelos altos índices da criminalidade nos anos de 2000. Na maioria das vezes, tais afirmações têm como suporte estudos de cariz jurídico-sociológicos<sup>3</sup> encomendados pelas instituições nacionais e/ou financiados pelas agências internacionais a operar no arquipélago.

Torna-se comum nos contextos de larga difusão de tráfico de drogas e marcados pela violência colectiva, circular teses sobre características psíquicas ou subculturais próprias da população ali residente que determinam não só o surgimento como a expansão do tráfico (Chaves, 2013). Os bairros pobres, quer sejam históricos ou

---

<sup>1</sup> A existência de patologias ao nível da personalidade; uma orientação por determinados tipos de valores e ideais alternativos ou opostos à constelação moral dominante; um défice anómico ocorrido nos processos de socialização por relação aos valores e normas dominantes.

<sup>2</sup> Depois de 15 anos de regime de partido único do Partido Africano da Independência de Cabo Verde, o país abraçou a terceira vaga democrática em 1991. A geração pós-abertura democrática engloba todos os indivíduos nascidos depois deste marco histórico, considerados por Lima (2012) como sendo a segunda geração de *thugs* (nome como os membros de gangues e alguns seguidores da cultura *hip-hop* são conhecidos) na cidade da Praia.

<sup>3</sup> Onde destaco o estudo de Fernandes, G., Delgado, J.P.D. (2008), *Jovens em conflito com a lei*, Praia: Ministério da Justiça.

periféricos, são constantemente representados pela população de fora como focos da violência, de precariedade familiar, de proliferação de doenças e gangues juvenis.

O presente *paper* pretende reflectir a questão dos gangues e a sua relação com o espaço urbano, no cenário daquilo que Moura (2010) designa de novíssimas guerras, assim como discutir a adequação de explicações do fenómeno da violência e da delinquência, em alguns contextos, a partir do conceito subcultura.

## 2. GANGUES E O CONTEXTO DAS NOVÍSSIMAS GUERRAS: APROXIMAÇÕES CONCEPTUAIS

Hagedorn (2008) considera que, na actualidade, os gangues desempenham um papel importante em qualquer tipo de violência, desde étnica, passando por motins ou em actividades ligadas ao narcotráfico, até em trabalhos de imposição de lei e ordem sob o domínio de tiranos nos ditos países menos desenvolvidos.

Rodgers (1999) é de opinião que a proposição clássica para a caracterização dos gangues apresentada por Frederick Thrasher, em 1927, é ainda actual, uma vez que nenhuma definição posteriormente avançada conseguiu ultrapassá-lo substancialmente. Sendo assim, gangue é assumido como um grupo intersticial, originalmente concebida de forma espontânea e, em seguida, agregada através de conflitos, resultando comportamentos colectivos que contribuem para o desenvolvimento de uma tradição, solidariedade moral, consciência de grupo e apego a um território local. Apesar de essa descrição abranger muitas características estruturais e institucionais básicas de qualquer gangue, o autor salienta o facto de que esse tipo de agrupamento é uma instituição social muito heterogéneo, patenteando diferentes motivações e actividades. Enquanto uns se movem por interesses políticos, outros estão mais preocupados em acumular riqueza e, há os que se mobilizam por questões identitárias e aquisição de um determinado *status*. Além disso, os grupos podem variar consoante os contextos culturais em que se encontram inseridos.

Contudo, é forçoso referir que ainda não existe uma definição consensual sobre os gangues, embora haja um consentimento sobre o facto da maioria dos grupos adoptar um nome e uma identidade que pode ser constatada através do uso de símbolos, marcas específicas de roupa e tipos de tatuagens. Normalmente são compostas por membros do sexo masculino entre os 12 e 24 anos, embora existem indivíduos com idade superior aos 24 anos. Rodgers (1999) adverte para o perigo de se cair no erro de considerar gangues somente como espaços de pertença de jovens, na medida em que, chama a atenção, a definição daquele que é ou não jovem varia de acordo com os contextos culturais para qual olhamos, o que faz da juventude um conceito ambíguo, relacionado algumas vezes a partir de padrões de comportamento e actividades ao invés da idade. Klahr (2006), a partir da descrição de gangues salvadorenhas assegura que, nos últimos

tempos, muitos cliques ligados aos dois grupos mais violentos neste pequeno país centro-americano<sup>4</sup> deixaram de ser apenas expressões identitárias juvenis para se converterem em gangues comandados por adultos que não foram forçosamente membros originais, no sentido de terem passado pelo ritual de iniciação quando adolescentes.

É relevante mencionar que os gangues juvenis apresentam somente uma parte das várias formações juvenis semelhantes existentes, compartilhando, de acordo com Rodgers (1999), as mesmas características contempladas por Thrasher. Deve ter-se em conta que os jovens, habitualmente, reúnem-se em grupos de pares propensos a determinados comportamentos colectivos. Este aspecto é reconhecido sociologicamente como fazendo parte do seu ciclo de vida e tido como um elemento importante no processo de socialização e interacção com o seu contexto físico e social. Os gangues juvenis, assim como outros agrupamentos juvenis, tais como os clubes desportivos, de lazer e as redes de amizade, fornecem padrões de referência e definem os códigos de comportamento. Embora independentes, muitos desses agrupamentos são interdependentes e sobrepostas (Rodgers, 1999).

A distinção entre os gangues e os outros grupos de pares juvenis está nas tendências dos primeiros envolverem em actividades ilegais e violentas. Contudo, Rodgers (1999) refere que apesar dos outros agrupamentos juvenis possam estar envolvidos em tais actividades, essa actividade poderá não ser percebido do ponto de vista normativo pela sociedade como um acto delincente, mas sim como um comportamento juvenil imaturo. A esse respeito, Becker (1985 [1963]) fornece-nos um importante contributo, ao considerar o comportamento desviante como uma reacção social face a uma alegada violação de regras e expectativas morais, conquanto recai sobre alguns e outros são ilibados. Essa desigualdade de definições de rótulos sociais traduz uma certa equação de poder existente na sociedade, na medida em que de acordo com a posição ocupada no espaço social, as instâncias de controlo poderão reconhecer ou não o comportamento como desviante.

Os gangues patenteiam uma continuidade geracional, são organizados e estão envolvidos em actividades delinquentes que vão desde pichação, vandalismo, pequenos furtos, roubos e assaltos, às actividades criminosas mais graves como o narcotráfico, lavagem de dinheiro, contrabando, extorsão, invasão de domicílio, homicídios e outros crimes violentos (Seelke, 2013). Geralmente apresentam estruturas de poder horizontais, divididas por pequenos subgrupos ou cliques semi-independentes e franquias (*Franchising*)<sup>5</sup>. Apesar da maioria dos gangues existentes não possuírem uma estrutura organizacional, capital e mão-de-obra necessária para executar actividades criminosas mais sofisticadas ou capacidade de penetrar os seus membros em altos cargos das

<sup>4</sup> Barrio 18 (M-18) e Mara Salvatrucha (MS-13).

<sup>5</sup> Muitos gangues norte-americanos (como por exemplo os Crips e os Bloods) utilizam esta estratégia na administração de territórios urbanos locais, regionais, nacionais ou mesmo transnacionais, autorizando determinados grupos a utilizar o seu nome (funcionando neste caso como marca ou patente) em troca de uma percentagem nos lucros das actividades envolvidas.

instituições públicas, alguns conseguiram atingir elevados níveis de organização capaz de influenciar instituições estatais Rodgers (1999).

Para Davis (2008), os gangues são uma fonte de poder dos fracos para o controlo de pequenos espaços urbanos, quer sejam esquinas, bairros periféricos ou degradados, praças, espaços escolares, dormitórios das prisões ou mesmo lixeiras. Para os jovens pobres sem capacidade de mobilização de outros recursos, esse monopólio espacial informal, quando ocupada e defendida com sucesso poderá facultar oportunidades empresariais/empreendedoras, bem como prestígio local. Os gangues frequentemente actuam como milícias do bairro, policiando o espaço público, impondo (ou resistindo) fronteiras étnicas e raciais, controlando, deste modo, o acesso ao emprego e à habitação (Davis, 2008), assim como protegendo os residentes dos abusos de pessoas alheias ao bairro (Bordonaro, 2012). Embora a maioria dos grupos constituem alianças efémeras, alguns transformam-se em ícones carismáticos da identidade local, em que a adesão ao mesmo é marcada por um rito de passagem intergeracional, encarado como um orgulho patriótico<sup>6</sup>.

Os gangues, entre outros grupamentos urbanos violentos<sup>7</sup>, são para Moura a figura do novo tipo de conflitualidade violenta que irrompe nos grandes centros urbanos a nível mundial, dominando microterritórios em países aparentemente em situação de paz. As novíssimas guerras são conflitos que ao contrário das velhas e das novas guerras (guerras civis), a intenção dos senhores que o conduzem não é o de substituir o poder estatal, mas sim, constituir um poder paralelo (Moura, 2010) ou, em alguns casos, substituir o poder estatal nos locais em que existe um vazio institucional (Castells, 2003). Ela deriva da combinação de causas estruturais e factores de risco, ou seja, da combinação de vários factores: desigualdades sociais, subalternização e marginalização da população pobre urbana, aumento de processos estruturais de exclusão social, cultura de impunidade, construções da hipermasculinidade, consumo excessivo de álcool, drogas e disponibilidade de armas de fogo (Moura, 2010).

No novíssimo contexto de guerra, os gangues, cada vez mais globalizados e institucionalizados (Hagedorn, 2008), correspondem, no entender de Manwaring (2005), uma forma mutante de insurgência urbana, visto que a sua natureza é simultaneamente política e criminosa. Tendo em conta que competem entre si pelo controlo de territórios, geram instabilidade social contribuindo de certa forma para fragilizar o Estado. As suas actividades, na medida em que desafia a segurança interna de uma determinada localidade ou região, exacerbam os problemas nas relações institucionais entre a polícia e o exército, reduzindo a capacidade de controlo estatal sobre o território nacional, ponto em causa a legitimidade estatal (Manwaring, 2005).

Actuando na maioria das vezes em redes do narcotráfico, os gangues gerem e/ou protegem a economia do crime empregando meios brutais não só contra os grupos

---

<sup>6</sup> Bordonaro (2012) observou que a comunicação utilizada no interior do grupo é militar e que alguns jovens acreditam ser soldados ao serviço do bairro.

<sup>7</sup> Facções de droga, grupos de extermínio, grupos de vigilantes, etc.

rivais, mas também contra a população dos espaços ocupados (Rodgers, 2002), estando estes últimos frequentemente sujeitos a manipulações sobrepostas e contraditórias por parte do Estado, dos grupos do narcotráfico e das elites políticas, apanhadas, portanto, “entre múltiplos sistemas de poder” (Winton, 2004, *apud* Moura, 2010: 50).

### 3. URBANIZAÇÃO ACELERADA, ‘RECUO DO ESTADO’ E PROLIFERAÇÃO DE GANGUES

Os sociólogos de Chicago, os primeiros a considerarem a cidade como um laboratório privilegiado de análise de mudança social e a formular uma concepção espacializada do social e, reciprocamente, socializada do espaço, foram, igualmente, nos anos de 1920, os primeiros a englobar os gangues nos estudos da urbanização e da industrialização. As suas pesquisas etnográficas puseram em causa várias premissas e hipóteses até então intocáveis. Tanto Rodgers (1999) como Hagedorn (2008) consideram a perspectiva da desorganização social, desenvolvida por esta Escola, como uma das teorias que mais contributo trouxe no estudo da formação dos gangues, na medida em que focou na forma como as mudanças sociais influenciam a personalidade das pessoas.

Pegando no trabalho empírico de Robert Park e seus colegas de Chicago, mais concretamente na descrição em como as migrações das pessoas do campo para a cidade criou uma profunda revolução na psicologia do camponês, considerada como resultado da desorganização social, Hagedorn (2008) tenta mostrar como é que o processo de urbanização, ligado à questão da pobreza extrema, mudou radicalmente a paisagem urbana em África, América Latina e Ásia. Essas mudanças, na perspectiva do autor, criaram condições nas comunidades pobres para o crescimento de gangues. Ressalta, que tanto antes como hoje, a equação migração + cidades + pobreza + bairros degradados + discriminação + jovens = gangues deve ser levado em conta na análise do fenómeno nos países da América Central e do Sul, África e Ásia, marcados nos últimos anos por um processo intenso de urbanização, com efeitos sobre os jovens, da mesma forma que teve sobre os jovens da segunda geração de polacos nos anos de 1920 em Chicago. Em relação à proliferação de gangues na América Central, nos finais de 1990, Klahr (2006) indica como uma das causas prováveis a questão do aumento das deportações dos EUA, resultado das reformas judiciais norte-americanas como forma de combate à criminalidade colectiva naquele país.

Se na época da Escola de Chicago, o termo desorganização social serviria para descrever as condições do crescimento dos gangues juvenis, no mundo globalizado em que vivemos, o termo paralelo é ‘Recuo do Estado’ (Hagedorn, 2008). Castells (2003) liga a propagação da exclusão social e polarização do rendimento, ao neoliberalismo, às políticas do livre mercado na globalização e ao ‘Recuo do Estado’, para afirmar que no

mundo actual, em que o mercado ganha preponderância, o Estado recua no fornecimento do bem-estar social. Com as orientações do Banco Mundial e do FMI saídas do Consenso de Washington, políticas alternativas de austeridade, privatização e militarização ganham força e, com isso, o Estado, sobretudo nos chamados países do Terceiro Mundo, perde a capacidade de fornecer empregos adequados, serviços e segurança para uma boa parte da população urbana das comunidades pobres. Bordonaro (2012), na exposição dos dois gangues existentes no bairro do Brasil, na cidade da Praia, salienta esse facto, dando conta dos desinvestimentos estatais nos anos de 1990 na empresa pública que empregava a maioria da população masculina do bairro.

Um das condições propícias para que ocorra a institucionalização de gangues nos bairros têm a ver com a ausência do controlo, serviços e oportunidades económicas formais<sup>8</sup>. Nessas situações, grupos privados tomam o controlo do bairro, usando a força ilegítima da violência. O termo institucionalização de gangues é aplicado por Hagedorn (2008) para dar conta da persistência de alguns gangues durante décadas não obstante as mudanças a nível da liderança e da repressão policial. O autor apresenta exemplos de gangues em Chicago, nos EUA, Cidade do Cabo, na África do Sul e Rio de Janeiro, no Brasil, que operam a décadas, tornando-se míticas. Em Chicago, os membros dos gangues memorizam a literatura, as leis e as orações do grupo, bem como aprendem sobre os guerreiros e líderes do passado, muita vezes intitulados de reis ou lordes. No Rio de Janeiro, as crianças aprendem a idolatrar os líderes das facções de droga como heróis que desafiam o poder estatal. Na Cidade do Cabo, os jovens aprendem a história e as regras de um dos gangues mais perigosos da África do Sul, denominado “Americans”, e encorajados a fazer tatuagens e adoptar o estilo próprio desse grupo. Em qualquer uma dessas cidades, em parte, o mito dos gangues deve-se à sua criação no seio dos movimentos sociais nos anos de 1960, época em que desempenharam um importante papel nos seus bairros (Hagedorn, 2008).

Se nas cidades europeias, os pobres e imigrantes concentram-se em subúrbios afastados dos centros, na maioria das cidades dos EUA e dos países ditos de Terceiro Mundo, os pobres habitam historicamente bairros degradados perto dos centros de negócios (Hagedorn, 2008). Com a necessidade dos novos *gentry* expandirem para fora do centro das cidades, para as imediações das mesmas, a população pobre é empurrada para zonas mais afastadas. O “espaço em muitas cidades está ligada indissolúvelmente à raça, e a gentrificação das cidades normalmente significa um confronto com o gueto negro e seus gangues – um confronto que tem sido quase sempre ganho pelas forças da lei e da ordem” (Hagedorn, 2008: 113).

Em muitas cidades norte-americanas, as taxas de violência derivada das guerras entre os gangues, tráfico de drogas e crimes baixaram a partir da condução de uma política repressiva, baseado na ideia de “Tolerância Zero”, cuja finalidade é tão-somente

---

<sup>8</sup> Para além da ausência do Estado, quando o conflito urbano é racial, classista, étnico ou religioso e quando os espaços ocupados (por exemplo os guetos negros americanos ou os conjuntos habitacionais) fornecem espaços defensivos (Hagedorn, 2005).

expulsar a população indesejada (negros), tornando assim a cidade segura e mais atractiva, com o objectivo de conseguir o regresso dos habitantes brancos. Hagedorn (2008) fala da implementação das políticas de gentrificação levadas a cabo para o efeito, que com a ajuda dos *media*, os gangues são construídos como uma ameaça à paz social, pessoas incapazes de ter uma convivência urbana saudável. Menciona a relevância em analisar a questão da gentrificação nesse cenário como uma limpeza étnica, facilitado pela produção e reprodução do pânico social e pelo ressurgimento do Estado Penal, processo esse recentemente copiado e praticado em alguns países da União Europeia (Wacquant, 2008).

Nas cidades fora dos EUA e da União Europeia, sobretudo nas cidades latinas-americanas, esse processo ganha novas roupagens, contribuindo para o surgimento de dois novos tipos de exclusão ou como afirma Caldeira, o aparecimento de dois novos modos de discriminação: “a privatização da segurança e a reclusão de alguns grupos sociais em enclaves fortificados” (Caldeira, 2000: 10), mudando, desse modo, as noções de público e de espaço público que até então dominavam a literatura sobre o espaço urbano ocidental ou de influência ocidental.

#### 4. O CONCEITO DA SUBCULTURA E O FENÓMENO DA VIOLÊNCIA/DELINQUÊNCIA

Chaves (2013) defende que apesar de muitas obras de referência problematizar a questão do desvio a partir dos conceitos da subcultura desviante ou da subcultura delinvente, a sua utilização em pesquisas científicas, hoje, se encontra muito comprometida, nomeadamente em determinados contextos. Isto devido à sua ambiguidade e de ser um conceito demasiado vago, bem como a sua fácil utilização e rapidez de discurso, constituindo-se deste modo como um cómodo pseudo-explicação de comportamentos desviantes ou delinquentes.

Salienta que “a explicação de senso comum que utiliza conceitos como subcultura delinvente, *ghetto* ou noções afins, enfatizando a pretensa singularidade e fechamento de uma dada realidade, pode provocar inclusivamente uma profunda alteração da natureza dos próprios fenómenos que se pretendem compreender” (Chaves, 2013: 285). Corre-se o risco de partir para a análise estigmatizando *a priori* certos grupos sociais, contribuindo para a realização do desvio. O autor considera que, se por um lado, são teses que enfatizam a ausência de valores ou uma putativa especificidade de valores internos, muitas vezes sem dizerem aquilo a que se referem, devido à sua simplicidade, determinismo e vulgaridade, erram o principal, ou seja, esquecem que o contexto local em análise se encontra no interior de uma cultura global e que partilha com qualquer outro segmento urbano características como as da multirreferencialidade e a existência de contradições (Chaves, 2013).

Bordonaro, por seu turno, salienta que em Cabo Verde, os gangues precisam ser reinseridas nas dinâmicas locais e globais da sociedade rejeitando a visão comum que aponta para a violência enquanto um comportamento monstruoso, anormal, demoníaco, não humano e associal. “A violência é uma dimensão da existência das pessoas, não algo externo à sociedade e à cultura que ‘acontece’. Além disso, como sugere Glenn Bowman, a violência é uma força que se manifesta não só na destruição de limites, mas também na sua criação. A violência, além de ser uma *performance* durante a qual uma entidade viola a integridade de uma outra entidade, pode também servir para produzir identidades íntegras” (Bordonaro, 2012: 122).

Argumenta que no bairro do Brasil, falar de delinquência ou de violência dos gangues não é o mesmo que falar de uma suposta subcultura urbana, uma vez que “não representa uma descontinuidade em relação à ideologia da masculinidade hegemónica no bairro, nem uma característica exclusiva das classes populares” (Bordonaro, 2012: 123). Evidencia que sendo que as teorias de subcultura da violência atribuem à socialização de rua, à cultura de rua (em oposição à cultura institucional/doméstica) a responsabilidade para o seu nascimento e crescimento, nesse bairro, a rua é o espaço de socialização privilegiado e não um lugar marginal. Portando, para este autor, os *thugs* não representam uma ruptura, mas sim uma continuidade cultural e a sua emergência deve ser relacionada com a crise da identidade, uma crise das formas de acesso à autoridade masculina propiciada pelo desfasamento entre a condição do chefe de família, o ganha-pão de casa, economicamente dominante e auto-suficiente e uma situação real de desemprego, dependência e marginalidade. Nesse contexto, “os valores masculinos são continuamente disputados no espaço público e necessariamente reafirmados através de manifestações de agressividade e confronto (Bordonaro, 2012: 132).

## 5. BAIRRO, RELAÇÕES FAMILIARES E ‘GANGSTERISMO’

Bordonaro (2012) preocupou-se inicialmente em entender a relação dos *thugs* com o bairro Brasil e seus moradores, além de perceber em que medida os actos ilegais e criminosos são ali tolerados, apesar das constantes manifestações de descontentamento em relação aos constantes brigas no bairro. A primeira constatação foi o de que os jovens pertencentes aos dois grupos hegemónicos no bairro acabam por ser filhos, netos, primos e irmãos de pessoas que ali habitam. Salienta que os jovens observados no bairro do Brasil, ao mesmo tempo que funcionam como soldados na protecção do bairro, legitimando a sua acção perante a comunidade, a tolerância dos seus comportamentos são também protegidos pelo facto de, para além de terem nascido e crescido no bairro, fazem parte de uma rede familiar complexa que constitui o quadro e a real estrutura social do bairro. Esta rede social de vínculos interpessoais é, na

opinião do autor, gerador de alguma ambiguidade em relação ao fenómeno dos gangues em Cabo Verde.

Chaves apresenta a figura das famílias-seitas para explicar em como o narcotráfico no Casal Ventoso era mantido através de uma rede muito complexa de parentes que asseguravam a existência de sistemas de obrigações organizadas, facilitando assim o cometimento de actividades ilegais, a partir de uma “microestruturas de oportunidades ilegais’ centradas e assentes em fortes lideranças masculinas” (Chaves, 2013: 165). As famílias-seitas constituem, para este autor, um bom exemplo da natureza polissémica do termo família, isto porque, “não podem ser compreendidas enquanto agregados isolados mas antes como organizações baseadas em concepções alargadas de família que permitiam o desenvolvimento de actividades ilegais particularmente lucrativas, bem como a redução dos riscos daí provenientes” (Chaves, 2012: 165).

Muitos gangues funcionam a partir de uma lógica familiar e isto é algo que não se tem dado muita importância nos estudos sobre o tema. Contudo, Dickie (2007), no estudo historiográfico sobre a máfia siciliana, aponta a importância das redes familiares na manutenção de actividades ilegais e criminosas das mesmas. Muitos conflitos entre famílias transformam-se em várias ocasiões em brigas de gangues. Chaves (2013) aponta algumas desavenças entre essas famílias tendo como origem brigas pessoais entre os seus membros. A perda no confronto poderia acarretar perda de prestígio no bairro. Para além disso, “agir no sentido da defesa da ‘honra’ de um membro não permitia apenas que cada um deles usufruísse de vantagens individuais, facultava também, à própria *família-seita*, a manutenção ou o reforço do seu poder por relação a todas as outras organizações do mesmo tipo. Pelo contrário, não o fazer, no momento em que um membro era ameaçado, podia acarretar alterações no estatuto da *família*, e dos seus próprios membros, no interior dos contextos onde esta era conhecida, designadamente nos meios marginais entre ‘policías e ladrões’, e no interior das redes de relações constituídas pelos habitantes do bairro” (Chaves, 2013: 167).

Num outro nível, a perda de um confronto entre bairros poderá acarretar perda de prestígio no xadrez urbano, o que faz com que alguns moradores dos bairros em confronto se sintam inferiores quando os gangues do seu bairro são inferiores em relação ao bairro inimigo. Este facto é evidenciado por Bordonaro (2012).

A prática da vingança, de acordo com Chaves (2013), é um dispositivo utilizado para a manutenção da intocabilidade dos membros da família (do bairro ou do gangue). É ela que permite à família a reposição do *status quo* posto em causa com a ofensa sofrida. Assim como este autor toma-o como algo interiorizado pelos membros e sentido por eles em termos emocionais, no caso dos gangues, Hagedorn (2008), Lima (2012), Cardoso (2012) e Bordonado (2012) observam algo idêntico.

## 6. CONCLUSÃO

Os gangues, estando presentes no mundo rural, consolidam-se com a urbanização, transformando-se num fenómeno urbano. Os gangues globalizados têm sido analisados como um *continuum* de crime e revolta que define o novo horizonte da geopolítica do início deste século. Frutos do ‘Recuo do Estado’ nos anos de 1980 e 1990 institucionalizaram-se nos bairros pobres nas maiores cidades do mundo, de Norte a Sul, integrando perversamente os jovens (Castells, 2003), alienando-os e proletarizando-os (Hagedorn, 2008).

Vários estudos têm demonstrado que não é possível explicar este fenómeno a partir de um único factor, mas sim como resultado de uma sobreposição de vários factores e condições que proporcionaram o seu desenvolvimento e crescimento, intensificado nas últimas décadas pelo processo da globalização. Sendo assim, ele deve ser olhado com uma lente multidisciplinar e crítica.

A questão da masculinidade enquanto híper-expressão de determinadas culturas deve ser levado em conta na análise, bem como a explicação a partir de importações de conceitos, que sendo eficazes em determinados contextos, perdem poder analítico noutros. Como mostram Bordonaro (2012) e Chaves (2013), tanto em Cabo Verde como em Portugal, pelo menos nos bairros recortados, a violência ou a delinquência não representam uma descontinuidade histórica e social, mas sim apresentam dinâmicas bem enraizadas nos locais estudados, suportados por uma rede complexa de vínculos familiares.

Se por um lado, sempre houve gangues, Hagedorn (2008) é de opinião que a rápida urbanização mundial tem contribuído para a sua maior intensificação, chegando à inconformável conclusão que independentemente daquilo que possamos fazer, eles não vão desaparecer tão cedo.

## BIBLIOGRAFIA

Becker, H.S. (1985 [1963]), *Outsiders: Études de sociologie de la déviance*, Paris: Éditions A. M. Métailié

Bordonaro, L. (2012), “Masculinidade, violência e espaço público: notas etnográficas sobre o bairro Brasil da Praia (Cabo Verde)”, *Revista Tomo*, nº 21, pp. 101-136.

Caldeira, T. (2000), *Cidade de murros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp.

Cardoso, K. (2012), “Thugs e violências: mitos, riscos e omissões”, “Delinquência juvenil coletiva na Cidade da Praia: uma abordagem diacrónica”, em José Maria Pureza, Sílvia Roque e Kátia Cardoso (Orgs.), *Jovens e trajetórias de violências. Os casos de Bissau e da Praia*. Coimbra: Almedina/CES, pp. 18-56.

Castells, M. (2003), *A era da informação: economia, sociedade e cultura. O poder da identidade*, Volume II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Chaves, M. (2013), *Casal Ventoso: da gandaia ao narcotráfico: marginalidade económica e dominação simbólica em Lisboa*, 2ª Edição, Lisboa: ICS.

Davis, M. (2008), “Foreword. Reading John Hagedorn”, in Hagedorn, J.M., *A world of gangs: armed young men and gangsta culture*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Dickie, J. (2007), *Cosa Nostra. História da máfia siciliana*. Lisboa: Edições 70.

Hagedorn, J.M. (2008), *A world of gangs: armed young men and gangsta culture*, Minneapolis: University of Minnesota Press.

Hagedorn, J.M. (2005), “EUA: os gangues institucionalizados e a violência em Chicago”, em Dowdney, L. (Coord.), *Nem guerra, nem paz: comparações internacionais de crianças e jovens envolvidos em violência armada organizada*, Rio de Janeiro: 7 Letras.

Klahr, M.L. (2006), *Hoy te toca la muerte: el imperio de las maras visto desde dentro*, Cidade de México: Planeta.

Lima, R.W. (2012), “Delinquência juvenil coletiva na Cidade da Praia: uma abordagem diacrónica”, em José Maria Pureza, Sílvia Roque e Kátia Cardoso (Orgs.), *Jovens e trajetórias de violências. Os casos de Bissau e da Praia*. Coimbra: Almedina/CES, pp. 57-82.

Manwaring, M.G. (2005), *Street gangs: the new urban insurgency*, Carlisle: Strategic Studies Institute.

Moura, T. (2010), *Novíssimas guerras: espaços, identidades e espirais da violência armada*, Coimbra: Almedina/CES.

Rodgers, D. (2002), “We live in a state of siege: violence, crime and gangs in post-conflict Nicaragua”, *Working Paper Series. Development Studies Institute*, nº 02-36, disponível em: <http://www2.lse.ac.uk/internationalDevelopment/pdf/WP/WP36.pdf> [acedido a 30 de Maio de 1993].

Rodgers, D. (1999), “Youth gangs and violence in Latin America and the Caribbean: a literature survey”, *Working Paper Series. Urban Peace Program Series*, nº 4, disponível em: [http://www-wds.worldbank.org/servlet/WDSContentServer/TW3P/IB/1999/11/19/000094946\\_99110405535016/Rendered/PDF/multi\\_page.pdf](http://www-wds.worldbank.org/servlet/WDSContentServer/TW3P/IB/1999/11/19/000094946_99110405535016/Rendered/PDF/multi_page.pdf) [acedido a 30 de Maio de 2013].

Seelke, C.R. (2013), *Gangs in Central America*, Washington: Congressional Research Service, disponível em: <http://www.fas.org/sgp/crs/row/RL34112.pdf> [acedido a 30 de Maio de 2013].

Wacquant, L. (2008), *Urban outcasts. A comparative sociology of advanced marginality*, Cambridge: Polity.